

IDADE D'OURO

DO BRAZIL.

Terça feira 28 de Abril de 1812.

Fallai em tudo verdades

A quem em tudo as deveis.

Sá e Miranda.

Observação sobre a crueldade Franceza na Hespanha.

O Systema actual da guerra, que os Francezes fazem á Hespanha; a sua maneira de proceder, e o tratamento, que elles dão a seus infelices prisioneiros, tudo se faz digno da nossa consideração. Os Francezes tem renovado nesta desgraçada época aquellas horriveis scenas de barbaridade, que a historia nos aponta nos antigos seculos da ignorancia, e barbarismo; e agora se conhece a elegante propriedade, com que hum dos seus Poetas os definio quando disse = os Francezes são macacos na paz; e peores que leões na guerra =. Para fazermos conhecer cabalmente estas verdades, nós transcrevemos aqui a carta do General D. Carlos d'Espagne, dirigida ao General Francez Thielbault, em que o Hespanhol se queixa do cruel tratamento, que os Francezes fazem aos seus, e ameaça retorquir-lhe da mesma sorte com pena de Talião. Nós recommendamos a leitura desta importante carta, como hum obra prima de eloquencia no seu genero, e como hum delentamento da guerra, e do character Francez em nossas eras. Por aqui se vê, que cada individuo Hespanhol sente a affronta feita á sua nação, e olha para os usurpadores do seu territorio, com o mesmo odio, que Anibal olhava para os Romanos.

Carta de D. Carlos de Hespanha ao Governador do Setimo Governo Francez.

“Excellentissimo Senhor! Havendo sido nomeado pelo Governo Nacional, Commandante General das tropas na Provincia de Castella a Velha, e encarregado do Governo militar, e politico destes povos; tinha julgado, que não teria senão motivos de me congratular por achar V. E. á testa do 78 Governo estabelecido pelas armas Francezas em Hespanha, tanto porque tinha presente o distincto nome do pai de V. E., como porque sabia pela voz pública, qual era o seu character moderado; e lisongeiava-me que sem faltar aos seus deveres como militar, saberia moderar os horrorosos males desta guerra, sem exemplo; guerra, em que os Hespanhoes não tem outra par-

te, que a de defender sua liberdade, e independencia politica, de assegurar os direitos imprescritiveis de toda a nação, de eleger hum Governo conforme a seus usos, e leis, e a approvação geral de seus habitantes.

“ Porém a conducta infame, que acaba de praticar o General *Mouton*, Commandante das tropas, que entrarão em *Ledesma*, não sei se por ordem de V. E., ou de outro General superior, mandando assassinar a huns Soldados do batalhão de Infantaria, Caçadores de *Castella*, 14 horas depois de serem feitos prisioneiros, me põe na dura, e sensível, porém necessaria precisão de mandar passar pelas armas a igual número de prisioneiros *Francezes*, segundo as ordens, que tenho; ordens justas, e dirigidas a contar os excessos, e brutalidades de alguns Generaes *Francezes*, que como o tal *Mouton*, devem sem dúvida ter sahido dentre os horrores da revolução, e que se tem proposto a exceder em barbaridade aos inclitos habitantes de alguns cantões da Africa, e a quem a posteridade pedirá conta dos actos de inhumanidade, que tem commettido, e da justa vingança, á qual dão causa.

“ He preciso, que V. E. entenda, e faça entender aos outros Generaes *Francezes*, que sempre que se commetter da sua parte huma semelhante violação dos direitos da guerra contra as proprias ordens do Imperador, ou que se faça qualquer violencia em alguma povoação, ou a algum particular, farei eu tambem dar igual castigo inexoravelmente, aos officiaes, e Soldados *Francezes*, dos que me trazem diariamente, e deste modo se fará conhecer, que esta guerra não he como a que se costuma fazer entre alguns Soberanos, que sacrificão o sangue de seus desgraçados póvos para satisfazer sua ambição, pelo miseravel interesse; mas que he guerra de hum povo leal, e virtuoso, que defende seus proprios direitos, e a Corôa de hum Rei, a quem livre, e espontaneamente tem jurado, e prestado obediência, mediante huma constituição sabia, que assegura a liberdade politica, e a felicidade da Nação.

“ V. E. não deve estranhar, que eu lhe escreva esta carta, porque a justiça, e boa consciencia são sempre francas, e se adiantão a dar razão de si mesmos, entretanto, que a politica obra com outros rodeios para encobrir a perfidia, e levar avante as vistas da tyrannia.

“ Poderia citar a V. E. muitos exemplos de humanidade, e nobreza de sentimentos, com que os Generaes das tropas nacionaes, reaes da *Hespanha*, os Officiaes, e Soldados, e os corpos francos tem tratado os inimigos, que tem vindo a desolar o formoso territorio da *Hespanha*, porém os factos fallão melhor, que as palavras; pergunte V. E. ao Regimento de linha, que esteve na *Extremadura* ás ordens de *Regnier*; e verá que sendo prisioneiros alguns Officiaes por huma partida patriotica, encontrarão no Quartel General de *Castanos* os soccorros, e consolações, que terião podido desejar entre os seus: eu mesmo poderia mostrar recibos de muitos, que igualmente tem sido soccorridos conforme o tem permittido as nossas circumstancias. Compare V. E. essa generosa conducta com a infame de hum *Mouton*, e de outros, que a sangue frio tem feito assassinar repetidas vezes nossos leaes Soldados, e mesmo a alguns Officiaes, sem outro motivo, que o de não poderem seguir as marchas forçadas de seus conductores, que lhes tinhão negado o necessario sustento: conducta infame, e desapprovado pelo mesmo Imperador *Napoleão*, como se tem verificado por ordens, que tem sido interceptadas. Porém, Senhor General, tenha V. E. entendido, que a generosidade tem seus limites,

e que a vingança nacional se ha de exercitar, sempre, que seja necessario.

“Tenho sabido, que os Soldados *Hespanboes*, que se achavão prisioneiros em *Salamanca*, sahirão daquella Cidade atados com huma corda pelo pescoço, e de braços presos dois a dois, quando os outros prisioneiros do Exercito alliado marchavão livres. Tenha V. E. entendido, que será este o modo, com que mandarei viajar os Officiaes, e Soldados *Francezes*, até me constar, que os Generaes *Francezes* tratão os *Hespanboes*, fiéis defensores da Patria, com a humanidade, que prescrevem os direitos da guerra, na intelligencia, que a conducta, que observarem, será o modelo da minha.

“Huma só reflexão quero fazer a V. E. A Nação *Hespanhola* tem estado continuamente em guerra; tem sido invadida pelos *Vandalos*, e *Godos*, menos deshumanos, que os de hoje, e estes tiverão de adoptar a linguagem, e costumes dos *Hespanboes* para adquirirem o direito de permanecer no Paiz. Foi igualmente invadida pelos *Mouros*, gente muito affavel, comparados com os *Francezes* d'agora. (Bem que V. E. sabe, que não tem sido *Francezes* a terça parte dos mercenarios, que tem vindo a *Hespanha*, huns por força, e outros com a esperanza de fazer prompta fortuna.) Estes *Mouros*, guerreiros corazes, e industriosos, sabemos pelas chronicas daquelles tempos, e pelos annaes do seu Governo na *Hespanha*, que tratavão muito melhor os habitantes, que quizerão viver com elles, do que os *Francezes* tratão os povos, que dominão. Os *Mouros* introduzirão-se em *Hespanha* por traicão, e forão expellidos pela força, e constancia dos *Hespanboes*: disto se deve inferir, Senhor General, que a Nação *Hespanhola* não he tão voluvel como a *Franceza*, que he constante na sua opinião; e a esta virtude deve seguir-se por precisão o expulsar os *Francezes* do seu territorio, e que cada qual torne aos limites, que a Providencia parece ter-lhe assignalado para dividir dois grandes povos. Nós sustentaremos a guerra; e nossos filhos, que se estão creando á vista de seus mesmos oppressores, acabarão de vingar nossa amada Patria. Eu, Senhor General, tenho hum filho, a minha opinião he a de todos os *Hespanboes*, excepto a de hum pequeno número, que por isso mesmo, que forão máos *Hespanboes*, não podem ser bons *Francezes*. A este filho, depois do temor de Deos, a unica cousa, que recommendo he huma guerra eterna aos oppressores da sua Patria, e que com as armas, sem se apartar do caminho da honra, e da fidedade, tome vingança dos insultos, que os *Francezes* nos fazem; e descerei contente á sepultura, porque tenho a certeza, de que meu filho cumprirá esta minha recommendação. Não creia V. E. que eu seja homem de opinião exaltada; sou ao contrario hum dos *Hespanboes* mais moderados, porém tudo quanto parece injustiça, ou violencia, me aborrece, e fere no mais sensivel da minha alma.

“Para mim he indifferente, que V. E. me responda, ou não; porque eu sei indubitavelmente, que esta carta ha de chegar ás suas mãos, e servir-me-ha de Governo a conducta, que V. E., e os outros Chefes observarem depois que a receberem.

Deos guarde a V. E. muitos annos, porém sempre fóra de *Hespanha*.

Carlos d'Espagne, Excellentissimo Senhor General de divisão. 33

Governo *Francez* *Triebault*.

Quem olha atentamente para o caracter *Francez* no seculo de *Luiz XIV.* e *Luiz XV.*, e o compara com o caracter actual, não póde comprehender

como em tão breve tempo possa degenerar o genio de huma nação! Então tanta doçura, agora tanta ferocidade! Então tanta sabedoria, agora tanta brutalidade! Que dirião os *Phylosophos* daquelle tempo; se resuscitassem agora, e vissem o fructo das grandes lições, que elles deixarão nos seus livros? O proceder dos *Francezes* na *Hespanha* parece aprendido no *Codigo dos Masagetas*; e de certo, que a historia das nações barbaras não tem nada mais horroroso. O General *Hespanhol* tem razão em chamar aos Mouros affaveis comparando-os com os *Francezes*, que passão ao fio da espada os seus prisioneiros. Em que livro acharão elles este direito? São estes os monumentos de hum seculo philosophico, e de huma nação mais illuminada, que as outras? Que mais poderão fazer os *Botecudos*?

Que mal tem feito os *Hespanhoes* para merecerem este tratamento? São *insurgentes*, dizem os *Francezes*. Senhores *Francezes*, não nos quebrem a cabeça com os seus sofismas; não fação dos mais homens tolos. Lêão o seu favorito *Helvecio* no capitulo, que trata sobre o abuso das palavras, e verão que essa palavra *insurgentes* anda muito mal applicada nas suas linguas. Eu não sou insurgente quando rezisto em minha casa a hum ladrão, que me quer roubar; e muito menos he insurgente huma nação inteira, que na falta do seu Rei, elege hum Governo á pluralidade de votos; e que não quer aceitar o jugo de huma nação estranha. *Insurgentes* são os habitantes de huma *Villa*, ou ainda de huma *Cidade* quando tumultuariamente se levantão contra as leis, e o Governo de huma nação inteira para abusarem de huma liberdade sem regra, ou para sustentarem algum caprixo. Senhores *Francezes*, huma nação inteira no caso, em que está a *Hespanha* nunca se pôde chamar insurgente, e nem Vv. Mercês podem apadrinhar com os seus *Authores* semelhante aleivosia. Desenganem-se, que por mais alto, que nos preguem as suas proclamações, nunca nos persuadiremos; nem que os *Francezes* são protectores, nem que os *Hespanhoes* são *insurgentes*. Nós temos *Diccionarios*, que nos ensinão a significação dos termos, e ao menos para isto não carecemos das suas lições. Deos os guarde como Vv. Mercês merecem, e sempre longe de nós, como diz a carta do *Hespanhol*.

B A H I A.

Chegarão aqui as folhas de *Lisboa* até Março, e nada annuncião memoravel; confirmão o que nós dissemos de *Valencia*, e da *Russia*, e dizem, que na *Hespanha* ha huma fome terrivel.

Na Quarta feira, 29, daremos hum Supplemento a esta folha.

Entrarão neste Porto as Embarcações seguintes.

Em 22. Do Rio Grande, Sumaca *Activo*, Mestre Antonio João Pereira, 60 dias de viagem, Carga 4 ϕ arrobas de carne, 400 de cebo, e 500 couros. Dono Joaquim de Azevedo Maya.

Em dito. Do Porto Alegre, Sumaca *Boa Sorte*, Mestre José Luiz da Rocha Fraga, 40 dias de viagem, Carga, 3500 arrobas de carne, 160 de cebo, e 1 ϕ couros. Dono Francisco de Souza Paraiso.

Em 24. De Lisboa, Brigue *Paquete da Bahia*, Mestre Antonio Joaquim Silva, 43 dias de viagem, carga sal, bacalhão, manteiga, e alguma fazenda sêcca. Dono Francisco Ignacio de Siqueira Nobre.

Com Permissão do Governo.

BAHIA : Na Typographia de Manoel Antonio da Silva Serva.